



MEDIAÇÃO CULTURAL: ENTRE A TENSÃO E O DIÁLOGO A FAVOR DA EXISTÊNCIA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Giuliano Tierno de Siqueira*

Resumo – Este artigo ambiciona pensar a mediação cultural com base na relação de diálogo e tensão entre os programas realizados pelas curadorias das diversas linguagens para os seus frequentadores num espaço cultural institucionalizado e as derivas deste público nestes mesmos lugares. Quando dizemos programas, tratamos das programações elaboradas por curadores especializados, a partir de negociações com artistas e produtores de cultura para, a seguir, serem apresentadas ao público interessado naquela determinada linguagem artística ou manifestação cultural. Por derivas, entenderemos neste trabalho o entrar, o sair e o ficar num espaço que não tem *a priori* uma programação determinada, mas que mantém aberta ao sujeito a possibilidade de ocupá-lo concreta e simbolicamente. Tendo como pressuposto que não é possível tratar da mediação cultural sem tratar do papel do mediador cultural, analisaremos também este sujeito com base em seus saberes, suas atribuições e suas condições estruturais de trabalho como partes fundamentais dessa relação.

Palavras-chave: mediação cultural, mediador cultural, programação, espaço público, ocupação.

INTRODUÇÃO

Na ordem do saber, para que as coisas se tornem o que são, o que foram, é necessário esse ingrediente, o sal das palavras (BARTHES, 2008, p. 21).

Começar um texto é apontar ao leitor o caminho a percorrer no transcurso do pensamento daquele que escreve e é também um esforço de posicionamento. *Posição* que para não ser uma *imposição*, demanda correr riscos com as palavras com aquele que lê, portanto, trata-se de uma *exposição*.

Ambiciono tecer neste artigo questões imbricadas num tipo de mediação cultural que tem como pressuposto a relação pendular de *tensão* e *diálogo* entre o que os gestores têm pen-

* Doutorando e mestre em Arte/Educação pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp). Curador Educativo do Centro Cultural São Paulo. Coordenador e professor do curso de pós-graduação *lato sensu* A Arte de Contar Histórias – abordagens poética, literária e performática, pelo Instituto Superior de Ensino do Paraná (Isepe).

sado, negociado e programado nos espaços culturais públicos e os "programas" realizados pelo público frequentador desses espaços com base em suas *derivadas*¹.

Tal política de mediação cultural pressupõe "considerar os públicos e as barreiras simbólicas que dificultam o acesso às manifestações artísticas e culturais" (BOTELHO, 2011) e as *barreiras simbólicas* relacionadas aos usos e ocupações culturais dos espaços públicos: sejam as ruas, as praças, os museus, os centros culturais etc.

Giambattista Vico (1668-1774), em sua obra *Ideia humana*, utiliza-se do termo *manu capio* para elucidar o processo de "mancipação" ou apropriação da terra por alguns, nas primeiras comunidades humanas. *Manu capio* seria o ato de colocar a mão sobre algo, apropriar-se de algo e nessa apropriação tomar o poder. Assim teria acontecido com as primeiras apropriações de terras. Os que chegavam, após o processo de posse, para terem suas vidas "protegidas" nessas propriedades, retribuía tamanha "generosidade" com a força de seu trabalho.

Com o passar do tempo a tomada de consciência da exploração desse trabalho e dessa troca desigual – que tinham como fundamentos a dominação e a opressão – deu origem aos primeiros esforços de emancipação. Esforços de retirar de cima de si e da força de trabalho a mão "de proteção" em busca de dois direitos: liberdade e igualdade. Esses esforços de emancipação deram origem aos coletivos de sujeitos que trouxeram com eles seus esforços que eram comuns porque esses sujeitos estavam no mesmo processo de sujeição.

Pensar, escrever e expor um texto com o objetivo de propor um debate acerca de um tipo de mediação cultural que se apoia no movimento pendular de *tensão* e de *diálogo* entre as políticas de gestão cultural e a ocupação e atribuição simbólica dos frequentadores desses espaços pode ter contornos bastante parecidos com esses esforços de emancipação elucidados acima.

Proponho esta reflexão, por considerar que muitas vezes o conceito de *diálogo* está à frente do conceito de *tensão* nas práticas educativas verificadas em minhas experiências com mediação e em minha leitura dos discursos de algumas publicações que tratam do tema da mediação cultural.

O conceito de *diálogo* tem acompanhado outros conceitos nas práticas da mediação como: encontro, conversa, troca, aproximação etc. É importante considerar que muitas vezes o sentido destas palavras iniciou-se com o foco na construção de um saber de maneira partilhada. Contudo, o que tenho observado em algumas práticas contemporâneas de mediação cultural é a forja de um consenso – nomeado como diálogo – como instrumento apaziguador de conflitos, de divergências em relação aos modos de ver e de conceber a sociedade. Como se não houvesse fronteira entre o pensamento de um e o pensamento do *Outro*, pois antes mesmo do dissenso é notório um esforço de apaziguamento. Frases como "já que ele pensa

1 - Termo nascido na aeronáutica e marinha para qualificar um desvio de rota de aeronaves e/ou navios, devido a fortes ventos e outras intempéries oriundas dos fenômenos climáticos.

tão diferente acho melhor não trabalhar mais em nossa equipe”, ou “mas nós pensamos a mesma coisa” etc. podem inviabilizar a riqueza do dissenso para a expansão da existência daquele grupo, dando a impressão de um território sem fronteiras em que todos pensam como todos. Um dos principais pontos da diluição dessas fronteiras é que os atos de uns e de *outros* ficam sem demarcações e posicionamentos claros, dando origem a uma certa intolerância ao pensamento e à atitude dissidente. Paradoxalmente, uma intolerância nascida justamente com base no discurso da tolerância e da harmonia de sentidos. É importante ressaltar que essa força do consenso é uma questão que tem extravasado o campo da mediação cultural, porque é notória sua presença em diversas atividades e encontros da vida.

Após pensar como os conceitos de *tensão* e *diálogo* estão sendo abordados em diversas instituições culturais, farei o esforço de apresentar minhas possíveis contribuições nesse processo. Tratarei da importância da *tensão*, como a presença de múltiplas vozes (polifonia) nos espaços culturais que contribuem para o alargamento das concepções de: cultura, convivência, formação, acesso etc., conceitos que muitas vezes são tratados como consensuais por parte dos gestores culturais. Em relação à importância do *diálogo*, abordarei este conceito com base nos pontos efetivamente consensuais entre gestores e público. Pressupor a mediação cultural na relação de *tensão* e *diálogo* entre volições e discursos é enaltecer esse movimento pendular entre ambos os conceitos, “limpando” qualquer tipo de hierarquização moral e negativa que possa haver em cada uma das duas palavras.

A mediação cultural como ação para dar a ver ao público e aos gestores culturais as barreiras simbólicas que impedem a organicidade da relação de *diálogo* e *tensão*, pode ser um potente dispositivo para a diluição de tais barreiras.

Não é possível pensar em mediação cultural sem a figura do mediador. E para corporificar esse sujeito é fundamental que nos perguntemos: Quem é esse sujeito? Qual a sua formação? Quais são seus saberes? Quais as suas atribuições? Quais são suas reais condições estruturais de trabalho nos espaços culturais na atualidade?

Por fim, ambiciono pensar o *mediador* nos sujeitos, pensar como a internalização dessa figura por parte de gestores culturais, produtores de cultura e público, poderia contribuir para que esses atores tomassem posição no processo de diluição das barreiras simbólicas mencionadas neste texto, sem a necessidade de atribuir essa função a um único sujeito que, ainda, na maioria das vezes, tem condições estruturais de trabalho no mínimo questionáveis.

TENSÃO E DIÁLOGO: MOVIMENTO PENDULAR DO PENSAMENTO E DA PRÁTICA DA MEDIAÇÃO CULTURAL

Um autor que pretende se expor, se colocar em *posição* – e o afirma logo na introdução de um texto em que se propõe a apresentar uma mediação cultural que encontra sua potência

na relação pendular entre *tensão* e *diálogo* - tem de, no mínimo, explicitar de saída suas ideias de sociedade, de mundo, de conhecimento, de como olha o mundo e os seus semelhantes e o *outro*. Por isso, opto por trazer um recorte da obra *O mestre ignorante*, do filósofo Jacques Rancière (2007, p. 107), para ilustrar estes pressupostos:

[...] A igualdade das inteligências é o laço comum do gênero humano, a condição necessária e suficiente para que uma sociedade de homens exista. "Se os homens se considerassem como iguais, a constituição estaria logo pronta". É verdade que nós não sabemos que os homens são iguais. Nós dizemos que eles talvez sejam. Essa é a nossa opinião e nós buscamos, com aqueles que acreditam nisso como nós, verificá-la. Mas nós sabemos que esse talvez é exatamente o que torna uma sociedade de homens possível.

A tese do professor Joseph Jacotot apresentada por Jacques Rancière de que "a igualdade das inteligências é o laço comum do gênero humano" aponta para o risco da hierarquização nos "sistemas" de programação e uso dos espaços culturais, pois, tanto aquele que é gestor, curador, especialista da cultura, quanto aquele que é frequentador desses mesmos espaços, estruturam suas construções simbólicas com base em algum pressuposto – que não é balizado a priori por uma inteligência, mas sim por alguma vontade. O que Rancière nos apresenta, ao trazer o pensamento do professor Jacotot é que as diferenças se dão no âmbito das vontades – maiores ou menores – mas as inteligências estão em profundo estado de igualdade.

A primeira complexidade que se abre aos termos em nossas vistas a igualdade das inteligências é a de que o caminho não é unilateral: não são os gestores os detentores das programações mais apropriadas ao público e não é o público o detentor da genuína produção de cultura com base em suas derivas. A primeira afirmação pode trazer certa elitização dos bens culturais, já a segunda pode parecer um discurso populista esvaziado de reflexão.

O espaço cultural público passa a ser palco de *tensões* e *diálogos*. *Tensões* quando, por exemplo, o gestor, detentor do poder dos usos e verbas de programação, cria regras rígidas de uso dos espaços e políticas culturais com estatutos herméticos e elitistas em sua programação – dando voz apenas a um grupo privilegiado de produtores de cultura. *Diálogo* quando as ocupações dos espaços passam por reuniões públicas de consulta popular, editais com isonomia nos processos de seleção, com revisão nos estatutos de programação tendo como base as pessoas que ocupam seus espaços. "Se a maioria dos gestores e dirigentes culturais pensa conhecer as reações do público, Heinich nos lembra que esse público se restringe ao universo daqueles com quem eles se encontram no seu dia a dia, nos vernissages ou nas conferências" (BOTELHO, 2011, p. 15).

Como lembra Botelho (2011), é impossível o gestor conhecer as reações do público em sua totalidade, ele a conhece com base em "seus encontros". Tal paradigma desconstrói a máxima

do sentido unívoco de palavras ligadas aos processos de gestão cultural, sobretudo no campo da mediação cultural, como: acesso, formação, aproximação etc. Quem acessa o quê? Quem forma quem? Quem se aproxima de quem? Ao pensarmos estas questões abre-se uma complexidade, pois estamos lidando agora com um caminho que não é mais o de "arte e cultura para o público", o que implica questionar os clichês e estereótipos que estão nos interiores de muitas instituições culturais e que servem como matrizes discursivas para a produção da programação cultural vigente: *formar o público para a arte e para a cultura, dar acesso ao público à arte e à cultura, ou ainda aproximar o público da arte e da cultura*. "A positividade das ações culturais está nas fissuras que são capazes de produzir nos dispositivos de poder que tendem a criar roteiros para nossas ideias e ações" (MANZONI, 2013).

As ações culturais produzidas pela mediação cultural podem ser um potente dispositivo para dar aos gestores e ao público a importância da *tensão* – entre programações e ocupações concretas e simbólicas no espaço público – e do *diálogo* – consonâncias de sentido – com o intuito de diluir as barreiras simbólicas que impedem tanto o público quanto os gestores de terem real acesso à pluralidade cultural. Portanto, essas ações podem ser as "*fissuras*" nos dispositivos de poder instituídos.

Ainda, quando pensamos nas "fissuras", estamos retomando o conceito de emancipação trazido no início deste artigo. *E-mancipação*, ou *tirar a mão de cima*. Trata-se de um esforço de recuperar o poder de apropriar-se de algo, como nos faz pensar Rancière (2012, p. 20-21):

[...] num teatro, diante duma performance, assim como num museu, numa escola ou numa rua, sempre há indivíduos a traçarem seu próprio caminho na floresta das coisas, dos atos e dos signos que estão diante deles ou os cercam. O poder comum aos espectadores não decorre de sua qualidade de membros de um corpo coletivo ou de alguma forma específica de interatividade. É o poder que cada um tem de traduzir à sua maneira o que percebe, de relacionar isso com a aventura intelectual singular que o torna semelhante a qualquer outro, à medida que essa aventura não se assemelha a nenhuma outra. Esse poder comum da igualdade das inteligências liga indivíduos, faz que eles intercambiem suas aventuras intelectuais, à medida que os mantém separados uns dos outros, igualmente capazes de utilizar o poder de todos para traçar seu caminho próprio.

Este "*poder de traçar o seu caminho próprio*" talvez seja o maior esforço emancipatório que a mediação cultural pode trazer para a diluição de barreiras simbólicas entre público e gestores culturais, pois "a emancipação [...] começa quando se questiona a oposição entre olhar e agir" (RANCIÈRE, 2012, p. 17), ou seja, os artistas não são os que agem e os espectadores não são os que olham. Olhar e agir estão imbricados num movimento fluido de idas e vindas entre produtores e consumidores de cultura que alternam constantemente seus papéis.

ALGUMAS BARREIRAS CONCRETAS ENFRENTADAS PELA MEDIAÇÃO CULTURAL

As palavras *tensão* e *diálogo* passaram por desgastes nos últimos anos, sobretudo em algumas instituições culturais. Tal desgaste deveu-se sobremaneira a uma espécie de "modismo" abraçado/adotado pelos gestores das instituições de que toda a programação deve ser mediada. Esta ideia está centrada, sobretudo, no campo das artes visuais. Como muitas vezes as exposições de arte precisam, de um lado, de grandes mecenas como patrocinadores para se realizarem e, de outro lado, de longa vida na mídia que requer grande fluxo de pessoas, a saída da instituição é dar contrapartida numérica por meio de ações de mediação que, em geral, se reduzem a mero atendimento.

As diretrizes de curadores e gestores culturais à mediação (que receberá em geral um número elevado de visitantes) é a de que façam o máximo para que a exposição seja "aproximada" dos visitantes, que pode ser "que não entendam" ou "que não tenham repertório suficiente para compreendê-la". É nesse momento, em nome da "aproximação", que nascem concepções questionáveis de "formação de público", "acesso cultural" etc. Chavões que levam muitas vezes os frequentadores a uma aproximação simbólica forçada, pois essas pessoas, *a priori* sem rosto – também produzem cultura e muitas vezes suas produções não têm ou não querem que tenham diálogo com aquilo que está sendo proposto.

Quando a mediação leva suas questões de impossibilidade desse modelo aos gestores, em geral a questão mostra-se como uma dificuldade do mediador em lidar com a "diversidade", com a "pluralidade" – outros chavões. Se esse mediador insiste um pouco mais na complexidade desse sistema de recebimento de grupos e diverge no campo conceitual dessas diretivas, a responsabilidade é exponencialmente voltada ao próprio mediador. Responsabilização esta que não se dá de maneira tão direta, mas que se dá no uso de mais chavões que distanciam discurso e ação concreta. Aqui é quando de fato a palavra *tensão* fica explicitamente negativada, como se alguém que trouxesse tensão para dentro da instituição cultural pudesse desestabilizar o complexo sistema de atendimento aos grupos agendados e o confluir de justificativas aos patrocinadores e/ou à mídia que mantém noticiados tais eventos culturais.

Tensão e *diálogo* passam a ser ideias fora do lugar (SCHWARZ, 2010), ou seja, toda tensão se torna uma ameaça ao *status quo* da cultura instituída e o diálogo passa a ser controle e elemento "cooptador" de discursos. O *Outro* que discorda, que tenciona, passa a ser o dissidente que dificulta o andamento do trabalho. Os pensamentos e as práticas passam a não ter fronteiras (que preservam que cada um seja um na pluralidade das falas). O discurso é o da pluralidade, mas o pragmatismo é o do consenso forçado. Muitos discordam, mas permanecem no silêncio produzido pelo discurso da competência, bem articulado em nome do coletivo, do encontro, da conversa, do diálogo.

Também em nome do acesso à arte e à cultura, os mediadores culturais e o público que reage fora dos cânones dos “encontros do dia a dia dos curadores e gestores”, podem ficar alijados do processo de ocupação simbólica e concreta dos espaços públicos.

EM BUSCA DO SUJEITO MEDIADOR: SABERES, ATRIBUIÇÕES E CONDIÇÕES ESTRUTURAIS DE TRABALHO

A mediação cultural que ambiciona trabalhar com base na relação de *tensão* e *diálogo* entre gestores culturais e público está sempre em movimento para pensar seus saberes, suas atribuições e suas condições estruturais de trabalho.

Em relação aos saberes, podemos destacar alguns verbos que estão vinculados ao mediador na atualidade: facilitador, provocador, acolhedor, ativador, catalisador, conversador, “problematizador”, promotor, questionador etc. Destes verbos nascem algumas de suas atribuições: despertar percepções; respeitar as ideias sobre arte e cultura que o público traz e “dialogar” com elas; ter um discurso multilateral, interdisciplinar e contemporâneo (o que pressupõe ser um sujeito que vive as questões contemporâneas e, portanto, está vinculado às questões de seu tempo); romper as barreiras simbólicas existentes nos espaços institucionalizados; ser um propositor de experimentos; ser um interruptor de falas silenciadas por dispositivos de poder; ser um compartilhador de ideias; ser um criador de experimentos com potência para que o público seja criador etc.

Paradoxalmente à existência de tanto pensar no interior de setores, divisões e departamentos educativos e de mediação nas instituições culturais, não há um campo profissional instituído para a profissionalização do mediador cultural. Com base em uma abordagem da sociologia das profissões (GONÇALVES, 2013) podemos dizer que uma profissão é consolidada por dois caminhos: pela graduação ou pela produção de um discurso comum. A instituição pela graduação ocorre quando a profissão pode ser apreendida em âmbito acadêmico, por exemplo, quando o sujeito se profissionaliza depois de cursar uma graduação naquela área. Pelo discurso comum, ocorre quando a partir de experiências consolidadas, se estabelece um discurso compartilhado, saberes e dizeres que legitimam aquele ofício. Empregando tal tese no campo da mediação cultural e mais especificamente aos sujeitos mediadores, nenhum dos dois caminhos define o seu campo profissional.

Esse não lugar profissional leva o mediador a ter condições estruturais de trabalho transitórias e instáveis e isto se dá na maioria das instituições culturais brasileiras: ou são estagiários ou trabalham em regime temporário de serviço. Claro que existem exceções a essa regra, contudo, na maior parte dos casos, são essas as condições reais de trabalho.

Deparamo-nos com um cenário bastante complexo: ao mesmo tempo em que a mediação cultural passa a ser o espaço de proposições para a diluição das barreiras simbólicas – incen-

tivando a ocupação pública dos espaços culturais e contribuindo para a diluição de barreiras no interior das curadorias e setores de programação – essa mesma mediação cultural não tem as condições mínimas de estrutura de trabalho para os seus mediadores.

Talvez aqui nasça o maior dos contrassensos das instituições culturais contemporâneas: a atribuição mais importante de uma instituição cultural – que é a de dialogar com o público, pressupondo as tensões e os diálogos que nascem das negociações simbólicas e concretas no interior da produção cultural – está delegada à sua parte mais fragilizada em relação às condições estruturais de trabalho.

Podemos pensar em muitas causas para o cenário apresentado, contudo aponto algumas que nascem com base nesta reflexão: será que os gestores culturais e curadores estão realmente interessados na construção de políticas públicas para a cultura oriundas da tese da igualdade das inteligências entre todas as pessoas? Será que os gestores culturais e curadores não estariam preservando certo *status quo* da produção cultural de uma determinada elite ou de seus pares da convivência do “dia a dia”? Não seriam estas justamente as causas para gestores culturais e curadores delegarem o trabalho de mediação a um setor que é visto como “facilitador”, “aproximador”, daquele bem cultural – sem colocar em cheque as diretivas e os pressupostos curatoriais e de escolha para ocupação simbólica do espaço cultural?

Estas e outras questões podem estar por trás da estruturação de um sistema que participa de grande parte das instituições culturais brasileiras e quicá mundiais. E é urgente que se questione este estatuto e que se abra uma fissura para que gestores e produtores de cultura “introjetem” a figura do mediador em todas as suas ações de relevância pública.

DISPOSITIVOS PARA O EXERCÍCIO POLÍTICO DA MEDIAÇÃO

O Centro Cultural São Paulo (CCSP), instituição cultural fundada em 1982 na cidade de São Paulo, tem como marca em sua trajetória abrir espaços de experimentação e irradiação de projetos que questionem e alarguem experiências dos processos artísticos e culturais. Em meados de 2011, o CCSP por meio da Divisão de Ação Cultural e Educativa lançou o primeiro Edital de Concurso de Projetos de Mediação em Arte.

O edital contemplou cinco projetos, dos 54 inscritos, cujo enfoque foi a experimentação em mediação cultural. O foco deste dispositivo foi – e continua sendo – o de garantir ao mediador, apoiado por uma política pública, que ele possa exercer o protagonismo da criação no ato mediador e não o tradicional serviço de “formação de público” às instituições. Em 2013, acontecerá a segunda edição deste edital, entendendo que o maior ganho com os projetos realizados foi experimentar a mediação cultural como um campo que deve ser pesquisado e elaborado pelos próprios mediadores culturais, questionando nesse

processo o conceito arraigado em muitos espaços culturais de que o mediador deve servir aos gestores como “facilitadores, aproximadores, provocadores etc.” dos projetos por eles concebidos.

Na edição de 2011, os projetos desenvolvidos nos diversos espaços do CCSF transitaram em várias linguagens e formas de mediação: acesso diferenciado ao acervo de peças teatrais do CCSF por meio dos jogos-poemas do projeto Arquivo Vivo, de Caio Paduan e Fernanda Carnevalli; brincar com jogos desenvolvidos com base em propostas de intervenções urbanas em Cidade para brincar e pensar, de Cibele Lucena e Rafael Leona; As performances de Kelly Sabino estabeleceram diversas relações de encontro a partir de visitas às exposições ou aos espaços restritos do CCSF ou ainda um encontro na barraca da simpatia. As três ações fizeram parte do projeto Linhas de Encontro... atrás do desejo e da criação; Recolhedores de Bocados, de Lucas Bêda e Verônica Gentilin, foi uma intervenção que se fez por meio do escambo de objetos com o público frequentador do CCSF e suas histórias, modificando a instalação a cada ação de mediação; Cayo Honorato propôs uma publicação desenvolvida no processo de mediação, seja por meio das discussões realizadas nos seminário que ocorreram semanalmente no CCSF – intitulado Mediação como [Prática Documentária] – seja nas entrevistas com o público e nas observações dos espaços do CCSF por ele realizadas.

Todo o processo foi acompanhado e avaliado pela Comissão Julgadora dos projetos em reuniões públicas (abertas a toda a comunidade por meio de ampla divulgação) em que estiveram em debate os avanços, as dificuldades e a pertinência das ações.

CONCLUSÃO OU O MEDIADOR COMO FIGURA NAS AÇÕES DOS PRODUTORES DE CULTURA

Talvez seja complexo demais respondermos a todas as questões levantadas neste texto, talvez as questões sejam aberturas para novos textos. Mas um ponto parece-me central nesta discussão: para que, de fato, o espaço cultural seja democrático e seja gerido com isonomia, a mediação cultural e a figura do mediador devem ser absorvidas por todos os gestores e curadores.

Toda operação de gestão ou recorte curatorial deveria nascer de um profundo diálogo com o público que ocupa concreta e simbolicamente os espaços culturais. Este processo de diluição das barreiras simbólicas entre frequentadores dos espaços e gestores deveria ser o foco central de qualquer política de acesso aos bens culturais e aos meios de produção da cultura.

Isto só será factível à medida que os gestores, curadores e produtores de cultura em geral figurarem-se em mediadores culturais, como nos lembra María Zambrano (2006, p. 54):

Para que chegue este momento em que a verdade, a verdade e não só a realidade, interesse, há que abandonar o drama. O que significa que há que renunciar-se ao papel de protagonista e deixar a cena livre. O que às vezes acontece por descuido – por descuido – desse cuidado e preocupação por ser e existir, que supõe o figurar e figurar-se, o tornar-se figura.

Os tempos que correm já não são tempos de nos conformarmos com o dar a ver grandes ideias e propostas nascidas de "mentes brilhantes" e articulações herméticas oriundas de círculos elitistas de gestores, artistas e produtores de cultura. Vivemos em tempos em que a explicitação do dizer e do pensar estão dados, portanto ótimo tempo para a concretização do pensamento de Zambrano (2006, p. 53): "Aquele que nasce sai para ver e para ser visto. [...] O ver, o estar a ver, é em realidade o culminar da relação vivida, da vivência completa, ver-se visto; olhar-se olhado".

A mediação cultural interiorizada, como dispositivo, em cada um dos atores do processo de democratização dos bens culturais é a crença na "vivência completa", na ideia de que aquele que vê está sendo visto, "ver-se visto". É a crença no rompimento da oposição entre agir e olhar. A crença efetiva no *talvez* da igualdade de inteligência anunciado pelo professor Joseph Jacotot ainda no século XIX.

Em tempo: um último parágrafo desviando a função de conclusão num texto. Um último parágrafo que seja um alerta amarelo às ideias apresentadas na conclusão deste texto: a mediação cultural interiorizada como dispositivo. Como vivemos em tempos de uso conveniente dos discursos produzidos, vale ressaltar que a interiorização do sentido "mediativo" em cada ato do gestor de cultura não apaga a necessidade de estruturar com árduo diálogo – sem suprimir as tensões oriundas deste debate – as condições estruturais dignas de trabalho para o mediador cultural.

Cultural mediation: between tension and dialogue for the existence of public spaces

Abstract – This article aims to consider the cultural mediation from the relationship of dialogue and tension between the programs undertaken by the curators of the various languages for its patrons an institutionalized cultural space and this audience in these same places. When we say programs, handle schedules prepared by expert curators, from negotiations with artists and producers of culture, then be presented to the public interested in particular arts or cultural event. By drifts, we understand in this work enter, exit and stay in a space that does not have a schedule determined a priori, but who keeps open the possibility to occupy it concretely and symbolically. Based on the assumption that you can not treat cultural mediation without addressing the role of cultural mediator, we also analyze this subject from their knowledge, their duties and their structural conditions of work as key parts of this relationship.

Keywords: cultural mediation, cultural mediator, programming, public space, occupation.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2008.

BOTELHO, I. Observatório Itaú Cultural. São Paulo: Itaú Cultural, 2011. Disponível em: <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/itau_pdf/001829.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2013.

GONÇALVES, C. M. Análise sociológica das profissões: principais eixos de desenvolvimento. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5512.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

MANZONI, F. M. A. Lugares do público na programação cultural. Disponível em: <http://www.centrocultural.sp.gov.br/pdfs/Francis%20Manzoni_Lugares%20do%20P%C3%BAblico%20na%20programa%C3%A7%C3%A3o%20cultural.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2013.

RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante*. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

RANCIÈRE, J. *O espectador emancipado*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SCHWARZ, R. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2010.

ZAMBRANO, M. *O sonho criador*. Lisboa: Assírio&Alvim, 2006.